

CASAS SENHORIAIS E SEUS INTERIORES EM DEBATE

ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS

Organização
Ana Pessoa
Marcia Nunes

Casas senhoriais e seus
interiores em debate:
estudos luso-brasileiros

ORGANIZAÇÃO

Ana Pessoa
Márcia Nunes

Casas senhoriais e seus interiores em debate: estudos luso-brasileiros

Fundação  **Casa de Rui Barbosa**

Rio de Janeiro
2021

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro do Turismo
Carlos Alberto Gomes de Brito

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

Presidente
Letícia Dornelles

Diretor Executivo
Carlos Fernando Corbage Rabello

Diretora do Centro de Pesquisa
Marta Maria Alonso de Siqueira

Chefe do Setor de História
Marcos Guedes Veneu

Chefe do Setor de Editoração
Benjamin Albagli Neto

Fotografia da capa
Edson Silva de Aquino Júnior

Preparação de Texto
Lucas Giron | Tikinet

Projeto gráfico e Diagramação
Nero Corrêa | Tikinet

Ficha catalográfica

Casas senhoriais e seus interiores em debate [recurso eletrônico]:
estudos luso-brasileiros / organização Ana Pessoa; Márcia
Nunes. -- Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa,
2021.
70.204 *Kbytes* ; PDF (704 p.)
ISBN 978-65-88295-10-6

1. Casa senhorial. I. Pessoa, Ana, org. II. Nunes, Márcia, org.

CDD 728.372

Bibliotecária: Letícia Krauss Provenzano - CRB-7/6334

Fundação Casa de Rui Barbosa
Rua São Clemente 134, Botafogo
22260-000, Rio de Janeiro, RJ
www.casaruibarbosa.gov.br

Sumário

Apresentação	8
I. Proprietários, mecenas e artistas: vivências e rituais	13
Casa São Roque: enobrecer uma residência simples	14
<i>Domingos Távares</i>	
A casa senhorial urbana de Sebastião de Barros Silva em Limeira-SP	33
<i>Renata Baesso Pereira</i> <i>Ana Clara Lambert Rodrigues</i>	
Sobre baronesas, pincéis e decoração: Francisca Breves, a baronesa de Guararema	54
<i>Ana Pessoa</i> <i>Ana Lúcia Vieira Santos</i> <i>Douglas Fasolato</i>	
Entre dois mundos: casas rurais e urbanas da família Carneiro Leão	73
<i>Ana Lúcia Vieira dos Santos</i> <i>Ana Pessoa</i> <i>Douglas Fasolato</i>	
As origens da Chácara do Paraíso, em Nova Friburgo	90
<i>Carolina de Moraes Calvente</i>	
Arquitetura e vida moderna: casas e palacetes da nova capital de Minas	107
<i>Ricardo Giannetti</i>	
José Sidrim: um senhor das casas senhoriais	124
<i>Ana Léa Nassar Matos</i>	
Grafia dos afetos: cartas a José Sidrim e a relação entre proprietários e construtores na Belém do ecletismo	141
<i>Mateus Carvalho Nunes</i> <i>Pietra Paes Barreto</i>	
Palacete Orlando Lima – Belém-PA	162
<i>Dulcília Maneschy Corrêa Acatuassu Nunes</i>	
Solar Barão de Guajará: de residência de Domingos Antônio Raiol a Instituto Histórico Geográfico do Pará	176
<i>Elna Maria Andersen Trindade</i> <i>Francianny Keyla Cabral Moraes</i>	
Uma residência aformoseada por um bosque: o Palacete Amyntas de Lemos	193
<i>Maria de Nazaré Sarges</i> <i>Luís Augusto Barbosa Quaresma</i>	
II. Identificação das estruturas e dos programas distributivos e o estudo de nomenclaturas funcionais e simbólicas de cada espaço	208
Espaços do feminino na casa senhorial: da câmara e do estrado à casa de estrado, casa de lavor e toucador	209
<i>Helder Carita</i>	

Das alcovas à prataria: o programa distributivo original do Palácio Itapura (Campinas-SP, 1883-1902) a partir da análise de inventários	231
<i>Ana Beatris F. Menegaldo</i>	
<i>Renata Baesso Pereira</i>	
Solar Monjardim: da casa colonial à casa-museu – Vitória (ES)	260
<i>Luciana Nemer Diniz</i>	
Morar aristocrático no Flamengo: particularidades da residência	
Martins de Almeida	276
<i>Denise Vianna Nunes</i>	
A casa senhorial do Engenho Murutucu: análise tipológica e morfológica e a essência reconhecida nos desenhos de Serlio e Palladio	290
<i>José Marques Morgado Neto</i>	
<i>Fernando Luiz Távares Marques</i>	
Acessos, circulações e hierarquias: as transformações na compreensão do espaço residencial no Palacete Bolonha	320
<i>Cybelle S. Miranda</i>	
<i>Caroline Meireles F. Rodrigues</i>	
<i>Ailla Caroline de Carvalho Raiol</i>	
Cronologia construtiva e decorativa do Palacete Bibi Costa como expressão do <i>zeitgeist</i> em Belém do Pará	335
<i>Cybelle S. Miranda</i>	
<i>Ronaldo Marques de Carvalho</i>	
<i>Beatriz M. Maneschy</i>	
Classicismo no Solar do Barão do Guamá: estudos de planos e volumes de uma casa burguesa em Belém do Pará	354
<i>Cybelle S. Miranda</i>	
<i>Ronaldo Marques de Carvalho</i>	
<i>Vithória C. da Silva</i>	
Palacete Aurélia Passarinho: o jardim e a moradia	375
<i>Pietra Paes Barreto</i>	
<i>Ana Léa Nassar Matos</i>	
III. A ornamentação fixa: azulejos, tetos, talhas, pinturas, estuques, têxteis, pavimentos, chaminés/lareiras, janelas, portas, para-ventos e outros bens integrados	389
O ecletismo no Palácio de Landi: análise ornamental e espacial da intervenção de Augusto Montenegro	390
<i>Elna Maria Andersen Trindade</i>	
<i>Mateus Carvalho Nunes</i>	
Parque da Residência: a casa dos governadores do Pará no século XX	411
<i>Edson Silva de Aquino Júnior</i>	
<i>Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes</i>	
O uso do ferro nos palacetes de Belém: Paris N'América, Augusto Montenegro e Parque da Residência	423
<i>Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes</i>	

O ornamento na pintura decorativa oitocentista fluminense	438
<i>Ana de Paula Tôrem</i>	
Um olhar investigativo sobre pinturas parietais de casa senhorial da Campanha Gaúcha	452
<i>Mônica de Macedo Praz</i>	
<i>Carlos Alberto Ávila Santos</i>	
Papel de parede e as casas senhoriais: a Casa da Hera como exemplo	472
<i>Carlos Gonçalves Terra</i>	
<i>Katia Maria de Souza</i>	
IV. O equipamento móvel nas suas funções específicas e suas relações com o espaço; o conjunto e as circulações das peças; a atmosfera do lugar	486
A heráldica e a aristocratização dos ambientes em Portugal nos séculos XVIII a XX	487
<i>Gonçalo de Vasconcelos e Sousa</i>	
Viver com arte: decoração e coleções nos interiores das casas senhoriais de fins do século XIX em Portugal e Brasil	505
<i>Marize Malta</i>	
Uma viagem pelos interiores senhoriais do Brasil através do mobiliário do Museu Casa da Hera	529
<i>Katia Maria de Souza</i>	
<i>Andreia Maria da Silva</i>	
Trazendo o mundo para dentro de casa: a Casa Museu Eva Klabin no Rio de Janeiro	546
<i>Ruth Levy</i>	

Palacete Aurélia Passarinho: o jardim e a moradia

*Pietra Paes Barreto*¹

*Ana Léa Nassar Matos*²

INTRODUÇÃO

No intuito de dar continuidade ao trabalho que vem sendo realizado sobre o Palacete Aurélia Passarinho, sai a análise do palacete como principal objeto de estudo para a reflexão sobre o jardim que circunda a residência. Com o objetivo de resgatar a sua história, bem como a relação do modo de habitar de seus moradores, sua interação com o jardim e seu valor histórico e social para a cidade de Belém. A história da família Passarinho entrelaça-se com a formação da sociedade de Belém e com a construção do espaço arquitetônico da cidade, logo, a relação estabelecida por seus membros com o jardim da residência pode ser usada como estudo para exemplificar outros modos de habitar da burguesia paraense nos diferentes espaços verdes da capital durante a segunda década do século XX.

OS ESPAÇOS VERDES E A CIDADE DE BELÉM

A partir da segunda metade do século XIX, a cidade de Belém, capital do estado do Pará, vive um interessante processo de expansão econômica oriunda do ciclo da borracha, momento no qual a Amazônia sedia a mais importante praça comercial de látex do mundo. Dentre esses e outros motivos, a região desenvolveu um diálogo único com a experiência moderna que ocorria na Europa, inserindo-se em um processo de vínculo particular com outras zonas internacionais bastante produtivas no sentido de modernidade.³

O aumento da arrecadação por parte do poder público, o enriquecimento da burguesia ligada a essa atividade e a presença de Augusto Montenegro, governador do estado, e de Antônio Lemos, na intendência da cidade, que compartilhavam os mesmos ideais de progresso e modernidade, permitiram a implantação do projeto de modernização urbanística para a cidade.⁴

Há, concomitantemente, um impulso pela modernização do traçado urbano, que se expande em novos bairros, e uma demanda por novos prédios destinados à burguesia. A classe que emerge enriquecida pela exploração da borracha procura sofisticação e luxo, conduzindo a uma



Figura 1 – Mercado de ferro Ver-o-Peso. Grande número de pessoas reunidas na esquina da Boulevard da República, atual Boulevard Castilho França. Fonte: *Belém da saudade: a memória de Belém do início do século em cartões-postais*, p. 53.

arquitetura na qual pontificam elegantes residências.⁵ Todavia, essa modernização não estará presente apenas nas residências privadas. Na verdade, ela inicia-se pela construção de equipamentos públicos, como é o caso do Teatro da Paz, na época um dos maiores do Império (inaugurado em 1878), e do famoso e hoje símbolo da cidade, Mercado Ver-o-Peso (1901). Destacaremos, ainda, a incorporação de espaços verdes na cidade de Belém, entre eles:

1. O *Bosque Rodrigues Alves (1883)*: inspirado no Bois de Boulogne de Paris, uma das principais áreas verdes da capital francesa. José Coelho Gama Abreu, o barão de Marajó, intendente de Belém entre 1879 e 1881, foi o responsável pelas obras do Bosque Rodrigues Alves.⁶ Em 1900, o então intendente Antônio Lemos realiza uma grande remodelação. O tempo da obra é de cerca de três anos e incorpora monumentos como riachos, grutas, cascatas e viveiros. O espaço é um grande jardim botânico localizado em uma das principais vias de tráfego da cidade.

2. *Museu Emílio Goeldi (1895)*: inaugurado na antiga rocinha⁷ que pertenceu a Bento José da Silva Santos, o Museu Zoológico destina espaços específicos para animais e vegetação. Por lei de 1897, quase toda a quadra foi considerada de utilidade pública, sendo os terrenos contíguos,

sucessivamente adquiridos pelo Governo, ampliando assim o espaço do Horto e do Zoológico.⁸

3. *Urbanização da Praça da República (1902)*: a história da praça é marcada por diversas mudanças no decorrer dos anos. Durante o século XVIII, no grande espaço descampado que existia, foi construído um enorme armazém para guardar pólvora. Sabe-se também que o espaço era utilizado como cemitério de escravos e pobres. Em um segundo momento, em 1850, tem início a plantação de algumas mudas de vegetação, que se intensifica com a inauguração do Teatro da Paz e a construção de monumentos. Foi com Antônio Lemos que a praça, já intitulada Praça da República, passou por grande remodelação.

4. *Praça Batista Campos (1904)*: no final do século XIX, o espaço era conhecido como Largo de Salva Terra, nome em homenagem à proprietária do terreno onde está localizada. Após a morte dela, a área passou a pertencer à prefeitura da cidade. Em sua reinauguração, no ano de 1904, foi considerada a praça mais bonita de Belém.⁹ Era considerada um “jardim sem grades”, possuindo 14 diferentes entradas, passeio em ladrilho português, plantas ornamentais, córregos, caramanchões, chafariz e os seus simbólicos coretos de ferro.



Figura 2 – Praça da República, com setor denominado Parque João Coelho em homenagem ao governador Paraense. Em primeiro plano, o pavilhão em ferro de música Santa Helena Magno. Fonte: *Belém da saudade*, p. 151.



Figura 3 – Praça Batista Campos, ponte de entrada pela travessa de São Matheus, atual Padre Eutíquio. Ao fundo, o Pavilhão da Música Santa Helena Magno. Fonte: *Belém da saudade*, p. 157

DO CAMPO À CIDADE: A INTRODUÇÃO DO JARDIM NAS RESIDÊNCIAS

O espaço doméstico é um reflexo da vida privada de seus moradores. A casa sempre foi o cruzamento de fatores socioculturais, logo é um espaço de representação social. Ao serem introduzidos, de maneira planejada, nas residências brasileiras a partir do século XIX, os jardins passam a qualificar a nova área como ambiente de convívio, lazer e contemplação.

Antes de adentrar a cena residencial, os jardins apresentam-se no Brasil, mesmo que de maneira não estruturada, atrelados ao processo de urbanização das capitais.¹⁰ Considerado inicialmente elemento característico de espaços semiurbanos e de bairros menos centrais, os jardins transformam-se através da mudança na locação das residências. Com o fim dos limites, os lotes passam a possuir afastamentos generosos que permitem a criação do jardim lateral, por exemplo, de grande importância para as circunstâncias de iluminação, higiene e ventilação cruzada.

A influência europeia é forte não apenas no traçado, mas sobretudo na vegetação. Espécies importadas entremeiam-se com amostras nativas no solo, estas pouco valorizadas. Os jardins serão constituídos a partir das espécies encontradas na região e apenas em palacetes pertencentes a famílias mais abastadas é perceptível uma seleção mais refinada das mudas, estando presentes modelos nacionais e importados. Como aponta Cristiane Magalhães, “Quando da disseminação do gosto do jardim no Brasil, ao longo do

século XIX, a linha romântica ou paisagística foi a predominante e a que mais tempo prevaleceu como inspiração para projeção de parques e jardins, tanto públicos quanto privados”.¹¹

Utilizaremos, neste artigo, a divisão do paisagismo brasileiro de Silvio Macedo, em que o estilo de projetos de jardins consiste em: (1) ecletismo: de 1783, com a inauguração do Passeio Público do Rio de Janeiro, até 1938, com o projeto dos jardins do Ministério da Educação e Saúde (MES), no Rio de Janeiro, por Roberto Burle Marx; (2) moderno: de 1938 até os anos 1990, com os projetos do Jardim Botânico de Curitiba (1991) e o projeto da praça Itália em Porto Alegre (1992); e (3) contemporâneo: 1992 em diante.¹² Mistura a tradição do jardim clássico com o tradicional jardim romântico inglês.

Associados à noção de palácios e nobreza, os jardins ecléticos serão introduzidos nos palacetes, constituídos por meio da mistura de espécies, diversidade de padrões e a presença de elementos arquitetônicos e decorativos de destaque: fontes, grutas, lagos artificiais e caramanchão. Em muitos casos, vemos a influência do jardim inglês, com o grande número de árvores, roseiras e plantas mais afastadas da rua.

Os jardins da segunda metade do século XIX evidenciavam, da mesma forma que a arquitetura, a influência externa, com suas flores e arbustos dispostos em canteiros de traçados geométricos, protegidos por muretas de tijolo [...] quando eclética, era possível encontrar fontes, grutas e lagos artificiais com pontes de cimento que imitavam tronco de madeira em meio às áreas ajardinadas que cercavam a construção.¹³

O PALACETE NO CONTEXTO REGIONAL

O palacete, em Belém, assemelhando-se aos costumes da burguesia francesa do século XIX, apresenta o mesmo tipo de implantação e de distribuição interna das residências ecléticas da França e será considerado como “casa moderna por excelência”. Sempre na busca pelo “morar à francesa”, que surge como consequência da europeização sofrida pelo Brasil nos fins do século XVIII e no começo do século XX.

Cada ambiente é projetado objetivando atender às necessidades de seus proprietários e à utilização de elementos decorativos específicos para cada espaço. A setorização, bastante definida e pontuada pela ausência de circulação linear, é um dos principais traços da tipologia palaciana eclética. A ausência da sobreposição de funções nos ambientes é obrigatoriedade da arquitetura de palacetes, assim como o recuo frontal da edificação.

Obtivemos assim o conceito de palacete: constituiu um tipo de casa unifamiliar, de um ou mais andares, com porão, ostentando apuro estilístico, afastada das divisas do lote, de preferência nos quatro lados, situada em meio a jardins, possuindo áreas

de serviços e edículas nos fundos. Internamente sua distribuição era feita de vestíbulo ou de um hall com escada social, resultando na divisão da casa em três grandes zonas: estar, serviço e repouso.¹⁴

A maior parte dos palacetes projetados por José Sidrim, autor do projeto do Palacete Passarinho, a partir de 1920, contribuiu para a transformação da cidade de Belém. O papel do palacete na Belém do início do século XX vai além de seu valor arquitetônico, representando principalmente o processo de modernização por que a cidade passava. Assim, é em favor dessa busca de modernidade e da higienização que a nova forma burguesa de morar chega à cidade, considerando que a máxima utilização de materiais e formas importadas da Europa era símbolo de alta posição social.

No contexto local, a exploração do látex vai ser o grande financiador das residências da elite paraense. Para construir os seus palacetes nos padrões do ecletismo, as famílias contratavam construtores da região: ora para projetarem residências, ora para adaptarem projetos oriundos da Europa, como diz Luciano Patetta:

O ecletismo era a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava suas condições de vida), amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto. Foi a clientela burguesa que exigiu (e obteve) os grandes progressos nas instalações técnicas, nos serviços sanitários da casa, na sua distribuição interna, que solicitou uma evolução rápida das tipologias nos grandes hotéis, nos balneários, nas grandes lojas, nos escritórios, nas bolsas, nos teatros e nos bancos, que soube encontrar o tom exato de autocelebração nas estruturas – obtendo a aglutinação de todas as expressões formais em torno do mito do progresso.¹⁵

Devido ao surgimento dos afastamentos frontais e laterais, as residências passam pelo processo de valorização dos jardins. É neste momento que os jardins ornamentais ganham destaque na edificação, tornando-se elementos de importância dentro do contexto de habitar. São desassociados da paisagem e transportam o visitante para outro lugar, visto o caráter contemplativo dos jardins.

O JARDIM DO PALACETE AURÉLIA PASSARINHO

Localizado na avenida Independência, nº 744, atual avenida Magalhães Barata, o palacete pertencente à família Passarinho tem sua obra iniciada em 1925, pelo arquiteto José Sidrim, e finalizada no ano de 1927. Os proprietários, Benedicto e Aurélia Passarinho possuíam grande relação com os moldes europeus de habitar. Suas duas filhas, Zaira e Lygia, estudavam na França no Collège Féminin de Bouffémont.

Em uma das viagens para visitar as filhas, o casal trouxe um rascunho de um palacete em estilo normando com a intenção de construir no lote já pertencente à família, em área de expansão da cidade de Belém. Segundo relato da neta de Aurélia (informação verbal),¹⁶ a proprietária teve grande participação durante a obra do prédio. Seu amor e cuidado pelo jardim da residência foram relatados.

Com um lote original de 3.672 metros quadrados (54m de frente × 68m de fundo), o palacete está centralizado no espaço, com afastamento generoso em todas as direções. O edifício ocupa a área de aproximadamente 746 metros quadrados e possui uma edícula anexa de aproximadamente 180 metros quadrados. A área restante é completamente destinada ao jardim. Devido ao surgimento dos afastamentos frontais e laterais, as residências passam pelo processo de valorização dos jardins.

Representando o estilo eclético, o jardim do palacete possui espaço frontal similar a jardins franceses e fundo semelhante a jardins ingleses. O primeiro possui traçado formal, caminhos delimitados com pequenos canteiros em cimento e vegetação mais baixa que garante destaque à construção. O uso



Figura 4 – Palacete Aurélia Passarinho logo após a sua construção. A vegetação, apesar de presente ainda está recente, de baixo porte. Fonte: acervo pessoal de Pietra P. Barreto, 2018.

deste jardim em grandes espaços busca causar admiração, demonstrar poder e requinte de seus proprietários.¹⁷ A orientação dos caminhos é um dos destaques. Já o jardim inglês demonstra grande admiração pelas árvores, grande variedade de espécies e de orientação assimétrica. A presença de lagos e/ou espelhos d'água é bastante comum.

No caso do palacete, o programa de necessidades do jardim original é bastante complexo, com espaços de contemplação, caminhos para passeio, área de horta e galinheiro para uso doméstico, além de equipamentos urbanos. Ainda não foi possível identificar todo o traçado dele, e o desenho da Figura 5 é resultado da interpretação de fotos, desenhos do arquiteto José Sidrim, diálogo com antigos moradores e levantamento do espaço atual remanescente. Destacam-se os diferentes equipamentos que compõem o jardim e principalmente o traçado geométrico dos canteiros e caminhos.

Na Figura 6, identificamos o espaço menos formal do jardim da residência, a área da horta e galinheiro, localizado próximo à edícula – o espaço é desti-

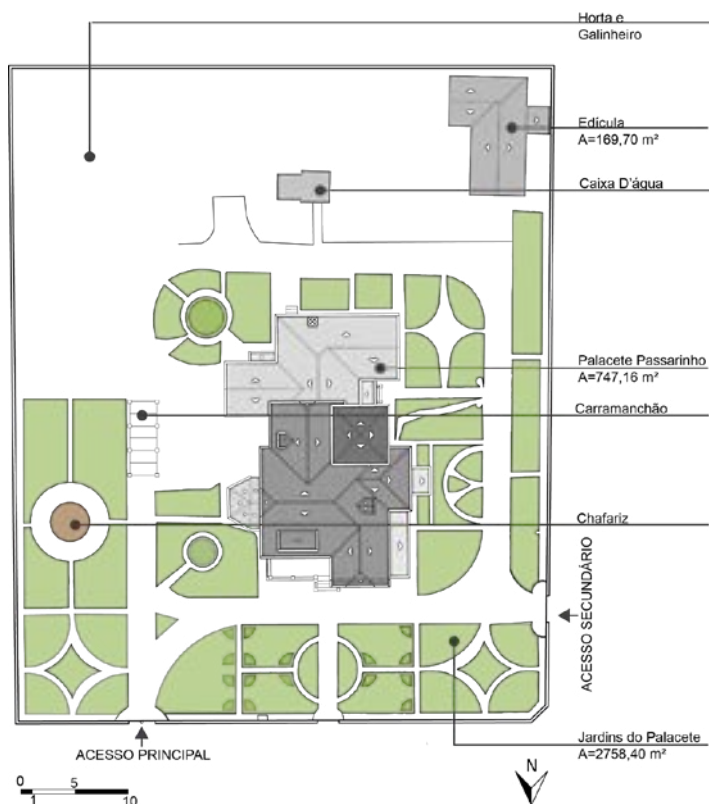


Figura 5 – Reprodução da implantação do palacete e do traçado do jardim. Fonte: desenho de José Maria Morgado Neto, modificado por Pietra P. Barreto.



Figura 6 – Edícula e garagem: caminho de veículos em cimento, canteiros em terra e espaço destinado à horta ao lado esquerdo. Fonte: acervo pessoal de Pietra P. Barreto.

nado à garagem no pavimento térreo e moradia dos funcionários no pavimento superior. No canto direito da imagem, é possível perceber a presença de espécies vegetais de grande porte, fruto do projeto de urbanização da cidade, no qual diversas árvores, principalmente mangueiras, foram plantadas nas grandes avenidas de Belém no século XIX. Já na Figura 7, a presença do jardim mais formal é perceptível através dos canteiros. Destacamos o piso original em placas quadradas de piso cimentício impermeável. Ao fundo da foto, percebe-se a grade que delimitava o espaço destinado ao cultivo de rosas.

Diferentes espécies são encontradas no jardim, algumas estão presentes até os dias atuais. Vale ressaltar a vivência em harmonia de espécies importadas e tropicais, nativas da região, como é o caso da maioria das árvores frutíferas lá presentes. Listaremos a seguir parte da vegetação existente nos primeiros anos da construção do palacete: cacauzeiro, mangueira, acoreira, açazeiro, abieiro, cupuaçuzeiro, jambeiro, sapucaia, samambaia, palmeira, acácia, copo-de-leite e roseiras. Essas não eram as únicas espécies presentes, mas sim as confirmadas pela família proprietária do palacete. Acredita-se que o número de espécies tenha sido bastante alterado no decorrer dos anos.



Figura 7 – Vista lateral do Palacete Passarinho, jardim formal. Fonte: acervo pessoal de Pietra P. Barreto.

No Palacete Passarinho, a varanda está presente em todos os pavimentos, é a responsável pela articulação entre o espaço interior e o exterior. Localizado no último nível, o *solarium* atualmente possui cobertura, mas em sua origem, era completamente aberto, de maneira que seus moradores permaneciam com privacidade, mas poderiam usufruir de uma visão panorâmica do jardim e da cidade.



Figura 8 – Planta baixa do palacete com delimitação em verde de todas as varandas e *solaria* existentes. Fonte: Pietra P. Barreto, 2019.

Na Figura 8, percebe-se a existência de varandas em todas as fachadas do palacete, fato que demonstra não apenas o cuidado do arquiteto com a ventilação e iluminação natural, bem como o jogo de volumes de cheio e vazio, mas sobretudo, a importância em estabelecer vínculos entre o espaço interior, a residência e o espaço exterior, o jardim. A presença de elementos arquitetônicos é bastante recorrente em jardins ecléticos, de modo que a fórmula busca criar caminhos sinuosos, pontos de contemplação, bem como garantir maior interação entre os proprietários e o espaço. Sabe-se que, além da grande área verde, o jardim possuía bancos e conjunto de cadeiras espalhados pelos ambientes, um roseiral e um caramanchão em ferro, chafariz em pedra, uma grande caixa d'água em madeira e postes em ferro com data e procedência gravados.



Figura 9 – Elementos que compõem o jardim: fonte em pedra, poste de energia e ferro e caixa d'água em madeira. Fonte: acervo pessoal de Pietra P. Barreto, 2019.

Sendo o jardim um dos símbolos da modernização e imponência dos palacetes ecléticos, o jardim da residência demonstra de forma rigorosa a sua função para a família Passarinho. Não apenas espaço de lazer e contemplação, é parte fundamental do programa distributivo da residência, de forma que o cuidado na elaboração de caminhos e pontos de atenção é perceptível.



Figura 10 – Desenho do jardim do Palacete Aurélia Passarinho. Fonte: acervo da família Passarinho.

Na Figura 10, é apresentado um desenho que se acredita pertencer ao arquiteto José Sidrim, com traços em lápis e aquarela. A suposição sobre o autor do rascunho baseia-se na comparação com outros desenhos que a família Passarinho possui em seu acervo com a assinatura do arquiteto. São perceptíveis as semelhanças com o atual jardim no desenho, que mostra a lateral da residência e a parte do jardim frontal da avenida Magalhães Barata. Vemos também a delimitação de um equipamento em formato hexagonal, todavia o que está no local é o chafariz oval em pedras. A marcação do caminho realizado pelos carros também é presente em cor mais escura e vemos a locação dos pilares em ferro do caramanchão.



Figura 11 – As filhas do casal Passarinho, Zaíra e Lygia ao lado de uma amiga posando no chafariz. Fonte: acervo da família Passarinho.

A fim de exemplificar um dos momentos de utilização do jardim por seus proprietários, vemos na Figura 11 as filhas do casal Passarinho posando para a foto sob o chafariz. Neste momento, a vegetação já está mais madura e árvores de maior porte estão presentes, assim como o caramanchão, o fundo e um dos bancos do jardim. A foto é bastante representativa, pois mostra a disposição das espécies, bastante variadas e as diferentes alturas das gramas que delimitam caminhos.

NOTAS

- 1 Pietra Paes Barreto é graduada em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal do Pará (Ufpa) e realizou mobilidade internacional no Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra (Portugal). Atualmente integra o grupo de pesquisa “A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores” em Belém.
- 2 Ana Léa Nassar Matos é doutora em história pela Ufpa e mestre em artes visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tem especialização em planejamento urbano integrado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro, em preservação e restauração do patrimônio arquitetônico pela mesma instituição, em arquitetura nos trópicos pela Ufpa. É graduada em arquitetura e urbanismo pela Ufpa. Atua profissionalmente como arquiteta na Fundação Cultural do Município de Belém (Fumbel PMB).
- 3 CASTRO, Fabio Fonseca de. *A cidade sebastiana: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade*. Belém: Edição do Autor, 2010. p. 10
- 4 SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.
- 5 DERENJI, Jussara da Silveira; DERENJI, Jorge. *Igrejas, palácios e palacetes de Belém*. Brasília, DF: Iphan, 2009. p. 89.
- 6 BOSQUE RODRIGUES ALVES JARDIM BOTÂNICO DA AMAZÔNIA. *Histórico do Bosque Rodrigues Alves*. Belém: Biblioteca Bosque Rodrigues Alves, 2005.
- 7 “Rocinha” é o termo arquitetônico utilizado para casas de temporadas de descanso afastadas do centro da cidade. Eram terrenos de dimensões generosas que possuíam quantidade representativa de vegetação.
- 8 INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Inscrição nº 110, 3 jan. 1994. *Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico*. Brasília, DF, Processo nº 1297-T-89. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=1479>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- 9 PRAÇA Batista Campos: Belém (PA). [19--]. 1 fotografia, p&b. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=426181&view=detalhes>>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- 10 MACEDO, Silvio Moraes. Jardins brasileiros: origens e relevância. In: PESSOA, Ana; FASOLATO, Douglas; ANDRADE, Rubens de (Org.). *Jardins históricos: a cultura, as práticas e os instrumentos de salvaguarda de espaços paisagísticos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015. p. 37-56. p. 43.
- 11 MAGALHÃES, Cristiane. Os ornatos artísticos para jardins no ecletismo do paisagismo brasileiro. In: PESSOA, Ana; FASOLATO, Douglas; ANDRADE, Rubens de (Org.). *Jardins históricos: a cultura, as práticas e os instrumentos de salvaguarda de espaços paisagísticos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015. p. 145-162, p. 145.
- 12 MACEDO, Silvio Moraes. *Jardins históricos*, p. 44.
- 13 DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira: Império*. São Paulo: Leya, 2016. p. 174. 2 v.
- 14 HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira (1867-1918)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 14.

- 15 PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel, 1987.
- 16 Notícia fornecida por Heloisa Passarinho Menezes, uma das atuais proprietárias da residência, em 2017.
- 17 DANTEC, Jean-Pierre. *Jardins et paysages: textes criquites de l'antiquité à nos jours*. Paris: Larousse, 1996. 635 p.